

ELEMENTOS PARA UMA ÉTICA ECOLÓGICA HUMANA

P. ÊNIO JOSÉ DA COSTA BRITO S. J.

“Caiu muito longe... caiu no mar
nas águas puras do mar alto”

(MANUEL BANDEIRA)

Caiu muito longe... caiu no mar
nas águas poluídas do nosso mar territorial”

(RELEITURA ATUAL)

O futuro da espécie humana está ligado a um equilíbrio instável entre uma natureza que é preciso salvar e a uma técnica humana que não se poderá mais dispensar. Não se pode ignorar os desequilíbrios provocados na biosfera devido à exploração desordenada das reservas físicas do planeta. Somos convidados a aprender a respeitar o impulso vital e a capacidade de regeneração da natureza.

Hoje, mais do que nunca, percebemos que o homem e o ambiente em que ele vive são mais do que inseparáveis: o ambiente condiciona essencialmente a vida e o desenvolvimento do homem; este, por sua vez, aperfeiçoa e enriquece o ambiente. Ambos são solidários e compartilham de um futuro temporal comum. A interdependência deve corresponder agora a responsabilidade; ao destino comum deve corresponder a solidariedade.

Medidas técnicas serão ineficazes se não forem acompanhadas por uma transformação radical das mentalidades. O problema ecológico apresenta-se com importantes exigências éticas. Se tudo o que o homem pode oferecer às futuras gerações é mistura da expansão científica, de cupidez econômica e

de arrogância que se constata atualmente, então o nosso planeta tem poucas chances de funcionar normalmente e, a nossa humanidade, de esperar o ano 2.000 em boas condições.

Uma tomada de consciência da problemática levar-nos-á a dizer uma palavra histórica e situada sobre tão grave problema.

1. Fatos e conseqüências inesperadas

Estocolmo foi um marco, um gesto realista. Aí, de 5 a 16 de junho de 1972, cerca de 1.200 estudiosos de todo o mundo se reuniram para tentarem juntos uma radiografia global do ambiente (1).

O slogan da conferência — “uma só terra” — traz em si uma alta carga emocional, exprimindo qualquer coisa que transforma as nossas ânsias e os nossos temores com relação à destruição do ambiente numa mensagem de esperança. Ele quer também recordar a todos os homens, que o interesse pelo ambiente planetário é verdadeiramente universal.

Esta convergência só começará a ser realizada quando tomarmos realmente consciência da crise do ambiente. A ruptura do equilíbrio do ambiente humano é uma triste realidade, que hoje caminha progressivamente para seu ápice, como nos diz Maurice F. Strong, Secretário Geral da Conferência das Nações Unidas sobre o ambiente humano.

O problema é antigo, mas devido a sua intensidade está exigindo uma resposta urgente.

O Egito gozava de um equilíbrio que assegurava ao país a imunidade com relação às grandes migrações de gafanhotos, animal voraz que destrói tudo a sua passagem. O equilíbrio era assim formado: o íbis (2) um pássaro, alimentava-se com serpentes, as serpentes por sua vez alimentavam-se com rãs e estas comiam as larvas dos gafanhotos e de outros insetos. O equilíbrio era perfeito, estável. Foi mantido enquanto o “íbis” conservou o privilégio de um animal sagrado, mas a partir do momento de sua exclusão do rol das divindades, de venerado passou a ser cobiçado por suas belas e úteis penas. O ciclo rompeu-se. A princípio o fato passou despercebido, mas lentamente o desequilíbrio cresceu: as cobras aumentaram vertiginosamente, seguiu-se um extermínio das rãs e sapos, dando livre campo para o crescimento das larvas.

(1) 5 de junho é o dia dedicado à Ecologia.

(2) Íbis, é uma pernalta da ordem dos bicórfomes. Foi objeto de culto entre os antigos egípcios.

A presença do Rio Nilo na África Ocidental sempre foi um fator importante no plano agrícola. A presença constante dos hipopótamos ao longo das margens tornava-os responsáveis pela fertilidade das mesmas terras pois eles se encarregavam de adubá-las. Por ocasião do "boom" do marfim, iniciou-se uma caça criminosa aos animais. O resultado não tardou: as margens não adubadas começaram a ceder por ocasião das cheias, e hoje as cheias do Nilo significam destruição e fome (3).

Atualmente, a represa de Assuâ, no Egito, retém iodo que deveria ser carregado pela correnteza, de modo que o Nilo não mais executa tão bem sua antiga tarefa de revitalizar os campos ao longo de suas margens.

Que a humanidade esteja fazendo de tudo para se auto-destruir é coisa que já foi dita e re dita; a terra é de tal modo indefesa que o homem com o seu poder imenso pode multiplicar-se de tal modo que poderia um dia ver comprometida a mesma possibilidade de sobrevivência.

Uma paráfrase da maravilhosa descrição bíblica da criação do mundo, tem o mérito de situar-nos no problema. Para percebermos bem a força desta paráfrase faz-se necessário apresentar antes a perspectiva do escritor das primeiras páginas do Gênesis. Muitas vezes, lemos a narração do paraíso com uma mentalidade que está longe de corresponder à intenção com a qual o autor escreveu.

Qual é, pois, o ângulo de visão do autor? Primeiramente, ele vive centenas de milhares de anos depois dos acontecimentos. Ele não está interessado no passado enquanto passado, mas, sim, na situação que está vivendo no seu tempo. Alguma coisa não funciona. O futuro corre perigo, algo deve ser feito! Este é o problema que o preocupa e que o levou a escrever. É um homem profundamente realista e sua intenção pode ser resumida da seguinte maneira:

- 1 — Percebe a situação desastrosa de seu povo e quer denunciar claramente o mal.
- 2 — Não fica só na denúncia genérica, mas aponta as responsabilidades. Quer que o leitor descubra a "origem" do mal-estar que está na raiz de tudo, o pecado.
- 3 — Sendo uma responsabilidade diluída e quase inconsciente, ele com a sua descrição quer conscientizar os seus irmãos a respeito da culpa que possa ter.

(3) Granzotto, Paolo., *Domani é troppo tardi*, no *Il Messagero* de 5-7-72. *Il Messagero* é um dos jornais de maior tiragem da Itália.

- 4 — Quer despertá-los para uma ação concreta, que enfrente o mal, pela raiz e assim transforme a situação de mal-estar em uma situação de bem-estar. É o que a Bíblia, em outros lugares, chama de “conversão”.
- 5 — Finalmente, dá-lhes, a garantia de que a ação é praticável pois a força que a garante, isto é, a vontade de Deus é maior do que a que a mantém a situação de mal-estar. Assim desperta a vontade de lutar e de resistir contra o mal e fez nascer a esperança e a coragem (4).

A justa compreensão da vida do autor sagrado ajuda-nos a ler a paráfrase da criação na sua dimensão profunda. Também o autor da paráfrase da criação está interessado não no passado enquanto passado, mas na situação que estamos vivendo hoje. Alguma coisa não está funcionando. O futuro corre perigo. Ele quer denunciar o mal, quer conscientizar, quer despertar os homens, porque “amanhã será tarde demais”, porque “amanhã o meio ambiente será desumano.”

“Todo o dia o homem cria coisas novas:

- no primeiro dia a cidade,
e ele cobriu as terras com concreto e ferro,
os campos e as árvores começaram a desaparecer
e o homem disse: isto é bom;
- no segundo dia a poluição das águas;
- no terceiro dia o extermínio das florestas para ter lenha;
- no quarto o extermínio dos animais;
- no quinto a poluição do ar;
- no sexto o homem disse:
vamos construir grandes máquinas e bombas
e a terra será devastada por grandes guerras.

Tudo isto era regido do refrão:

- o homem viu e disse, que estava bem assim.

Mas, com relação ao sétimo dia o refrão é mudado:
o homem descansou dos seus trabalhos e
a terra ainda estava aí mas o homem não
podia mais habitá-la” (5).

No terceiro dia — o extermínio das florestas para ter lenha, “ao longo dos grandes rios e das novas rodovias, nas colônias de pesca do litoral e das bacias fluviais, nas florestas e nas cidades do interior, continuam a tombar as árvores (mais de 1 milhão por dia).

(4) Mesters, Carlos., Deus, onde estás? Editora Vega, Belo Horizonte, 1972, p. 8.

(5) Paráfrase publicada no “National Catholic Reporter” de 29-1-70.

O homem transformou-se num depredador como nunca existiu outro no planeta, devastando as florestas tropicais para aproveitar a madeira, asfaltando imensas áreas do habitat para construir estradas, represando as águas que servem à desova de inúmeras espécies, despejando petróleo e toda sorte de substâncias químicas no oceano, lançando fumaça e poluição nos ares vem modificando o meio ambiente com tal volúpia que como resultado milhares de espécies animais e vegetais estão praticamente condenadas à morte, num prazo mais curto do que os leigos no assunto podem imaginar (6).

Enquanto o cientista Ruschi, no Espírito Santo, estuda e cataloga as inúmeras famílias de beija flor que existem no país, no Rio Grande do Sul, há pouco tempo foi denunciado um restaurante italiano que servia colibris no espeto: tanta graça sacrificada por tão pouca carne (7).

Sabemos que o homem já conseguiu exterminar 150 espécies de aves e animais e cerca de 1000 espécies de animais selvagens são hoje considerados raros ou em perigo de extinção (8).

O desmatamento continua num ritmo acelerado. Já se sabe que o desmatamento é responsável pela desertização. Viajar hoje pela região do Sahel, na África Ocidental, é constatar de perto os efeitos de um verdadeiro mosaico de irresponsabilidades cometidas pelos homens. Uma seca prolongada já fez aproximadamente 100 mil vítimas humanas e cerca de 20 milhões de animais — bois, carneiros, cabras, burros e camelos (9).

Como moldura deste quadro apocalíptico está a ação destruidora, próxima ou remota do homem. As pastagens insuficientes para atender aos rebanhos (multiplicados pela ação da vacina doada pelos organismos internacionais) foram destruídas. O Sahel, faixa de terra localizada ao sul do deserto do Saara, vem se transformando numa extensão do Saara, seu vizinho do norte; no ano passado o deserto avançou 96 quilômetros (10).

(6) Cf. Depredação do meio-ambiente condena os animais à morte, no Globo 15-7-74.

(7) Cf. Ecologia, no Jornal do Brasil, 6-6-73, p. 6. O beija-flor já era conhecido pelos nossos índios como Guanumbi, nome que já não é mais usado. Mas, o sinônimo é também colibri, que veio para o português através do francês, é também ele de origem indígena. O beija-flor é apontado entre mamíferos e aves como o animal do ritmo metabólico mais alto, pequeno como é — em certos casos pode medir até menos de 5 centímetros — o beija-flor é um organismo voraz: quase metade de sua vida é gasta na procura de néctar, seu alimento preferido. Esta voracidade do beija-flor está refletida no seu desempenho com asas pequenas, mas capazes de 90 batidas por minuto, a velocidade de um beija-flor atinge mais de 80 quilômetros por hora.

(8) Animais como a garça gigante, o tigre do Bengala, o crocodilo, a baleia cinzenta, só para citar alguns, estão em via de extinção. A preservação da baleia é um caso típico, dos cinco milhões de baleias que povoavam outrora os oceanos do mundo hoje restam apenas algumas centenas de milhares, só nos últimos 50 anos dois milhões de baleias foram mortas.

(9) O território atingido pela seca atravessa a Mauritânica, Senegal, Mali, Nigéria, Alto Volta, Chade, Gambia, República dos Camarões, Gama, Daomai, Etiópia, Somália e Sudão.

(10) Cf. Irresponsabilidade ecológica, no Jornal do Brasil, Caderno Especial, 30-6-74.

A desertização da África é uma realidade, o Saara apossa-se de terras vizinhas num ritmo acelerado, e pensar que há cerca de 2 mil anos o Saara era uma região de grande fertilidade, graças à construção de diques, açudes e canais irrigadores pelos romanos, os dominadores da região na época. A África do Norte era o celeiro de Roma. As árvores que frutificavam em seu solo desapareceram logo após a retirada dos romanos. Os diques ruíram e os povos nômades, numa atividade bem semelhante a do homem contemporâneo, iniciaram a devastação através de um apetite incontrolável, que permanece constante até hoje (11).

A desertização do mundo escolhe regiões, mas também responde aos desequilíbrios criados pelo homem. Um exemplo são as grandes faixas de areais, de formação recente sem nenhuma vegetação que estão aparecendo no Rio Grande do Sul.

A visão da "geografia terrestre" apresenta um quadro pavoroso: um quinto do solo da terra é desértico, 21% são extremamente áridos, 15% são apenas áridos, 14% semi-áridos, a terra geradora de vida vem sendo dizimada. Áreas desérticas se fazem presentes aqui e ali indistintamente, quando sabe-se que havia uma distribuição equitativa das mesmas.

U Thant nos apresenta a alternativa: "Querendo ou não, todos nós viajamos juntos sobre o mesmo planeta. A única alternativa razoável que temos é de trabalhar unidos para torná-lo um ambiente no qual nós e os nossos filhos possamos viver uma existência plena e pacífica."

O mesmo nos diz Teilhard numa linguagem mais vigorosa e densa de significado no seu livro *La vision du passé*: "Antes de tudo, este homem vê, diante dele, exaltar-se até o infinito a grandeza das suas responsabilidades; ele que até aí podia acreditar que era na Natureza um ser de passagem, local, acidental, com liberdade para dissipar à sua custa a centelha de vida que lhe calhara, descobre de repente, no fundo de si próprio, a tarefa temível de conservar, de aumentar e de transmitir a fortuna de um mundo".

Em sentido verdadeiro, a vida deixou de ser, para ele, vida particular. Emerge, corpo e alma, de um formidável trabalho criador, no qual tem vindo a colaborar desde sempre a totalidade das coisas e se ele se excusa à tarefa que lhe incumbe, qualquer coisa deste esforço se perderá para sempre e faltará no futuro.

... Quando cada homem... admitir que o seu ser verdadeiro não está limitado pelos contornos estreitos do seus membros e de sua existência histórica, mas que de certo modo pertence

(11) Cf. Terreno morto para a vida, no Jornal do Brasil.

corpo e alma ao processo que arrasta o universo então compreenderá que para permanecer fiel a si mesmo tem de se dedicar ao trabalho que a vida lhe pede como a uma obra pessoal e sagrada (12).

2. O problema moral

a) O homem estreitamente ligado ao cosmo.

O habitat do homem é uma biosfera única e vulnerável, da qual o homem constitui uma parte integrante. O ambiente é para o homem como a água é para o peixe: este vive e se move na água e justamente dela tira seu alimento primário e indispensável. Este condiciona essencialmente não só a vida, mas o desenvolvimento do homem. A presença humana por sua vez é enriquecedora do ambiente.

Homem e seu ambiente são duas entidades profundamente solidárias e inseparáveis, daí os ecologistas usarem o termo "ecossistema" para indicar a comunidade de seres vivos e o ambiente físico.

Há, hoje, uma redescoberta da afinidade do homem com a natureza. É o mito da "Terra mãe" a irromper uma vez mais do profundo da consciência. A repetição nos estudos ecológicos de certos temas é a confirmação de quanto acabamos de afirmar. É do biólogo Barry Commoner, a afirmação de que "tudo está relacionado com tudo". Além disso, nada cresce indefinidamente, nem organismo, nem espécie. As espécies animais limitam seu próprio crescimento.

Uma análise atenta do ecossistema "não é somente mais complexa do que nós imaginamos. É mais complexa do que podemos imaginar" (13).

Nos ecossistemas, as causas e efeitos são frequentemente muito separados tanto no tempo quanto, no espaço. A intervenção do homem produz resultados inesperados. A interdependência e a complexidade devem corresponder à co-responsabilidade do ser humano que é chamado por vocação a transformar o mundo.

Exigência profundamente sentida pelos homens do nosso tempo e traduzidas na preocupação de preservar e melhorar o ambiente natural. O ser humano começa a perceber a dramática situação no centro da qual estava vivendo inconscientemente.

(12) Chardin, Teilhard., *La vision du passé*, p. 191-195.

(13) Apud Bower, William, *O que é ecologia*, em *Diálogo*, 1970, Vol. II n.º 3, p. 17.

A falta de uma política adequada diante do poder, muitas vezes destruidor, da tecnologia, é o caminho seguro que lentamente conduzirá a humanidade a uma catástrofe. Utilizar de modo mais racional os recursos naturais é um dever de consciência, uma vez que deles os homens dependem e dependerão. Estes são propriedades comuns de toda a humanidade, nossa geração não pode nem dissipá-los egoisticamente nem apropriar-se indebitamente.

O campo da problemática alarga-se. O homem deve defender o ambiente não só por razões de ordem física, biológica, econômica mas, por ser este necessário para seu desenvolvimento pessoal e social. Para que isto aconteça faz-se necessário, como diz Paulo VI, uma mudança radical no comportamento: "Se a humanidade quiser ter uma garantia da sua sobrevivência, não é mais uma questão de dominar a natureza, o homem deve aprender a dominar o seu próprio domínio".

Qual é o significado profundo do ato humano de governar a natureza? Não é destruí-la, mas aperfeiçoá-la, não é transformar o mundo num caos inabitável. Perceber, este sentido profundo do agir humano, requer uma mudança de mentalidade, sem a qual qualquer medida de ordem técnica será ineficaz e inútil.

b) Mudança de mentalidade

Lentamente, o homem começa a perceber as dimensões do poder novo que a ciência e a tecnologia lhe colocou nas mãos. Técnica e ciência poderão ser responsáveis por condições mais humanas, poderão ser também responsáveis pela destruição lenta do habitat, se não levarem em consideração os limites materiais da "biosfera" e a necessidade de conservar e preservar o patrimônio natural.

Assim, a ecologia (14), ciência que estuda as relações dos homens com o meio físico e, por extensão as influências recíprocas, entre os homens e o seu meio sócio-econômico assume um papel decisivo neste momento que uma inconsiderada exploração da natureza, ameaça destruí-la.

"A ciência e a tecnologia devem ser concebidas num espírito de humanidade e exploradas com sabedoria se se quer evitar o perigo de uma destruição do homem e uma degradação do seu meio."

Se a técnica e a ciência não criarem recursos necessários à vida, mas continuarem numa política de transformação e utilização de recursos, estarão colocando em risco a sobrevivência da

(14) O termo ecologia foi criado pelo biólogo alemão Ernest Haeckel.

humanidade, que está ligada à eficiência dos recursos naturais e ao seu emprego racional e responsável.

Hoje, sabe-se de existência do perigo, não de um perigo teórico. Sobre as reservas de energia e os meios necessários para o nosso sustento pesa uma dupla ameaça — exaurimento e poluição. Lentamente, muitas reservas de energia vão se esgotando, mas a este fenômeno natural, acrescenta-se outro — o da poluição, da contaminação, da destruição voluntária da natureza.

Este segundo processo é um processo provocado, que tem responsáveis — muitas vezes, não se sabe quem faz mas sabe-se que é feito. Poder-se-ia citar inúmeros exemplos: o desmatamento, a poluição maciça da atmosfera. Calcula-se que para tornar o nosso planeta mais habitável duzentos milhões de toneladas de substâncias poluidoras no ar deveriam ser destruídas.

A mudança de mentalidade pode ter sua verbalização nesta pergunta: é possível levar adiante uma sociedade sempre mais urbanizada e na qual o nível de consumo tende a crescer sempre?

c) Um novo modelo de comportamento

O momento histórico que vivemos urge uma reflexão séria, que nos leve a assumir uma atitude. Reflexão necessária, pois, como diz, Marcos Noronha — “é preciso ampliar a faixa do consciente reduzindo o campo das forças cegas... Libertar é muito mais que fazer diagnóstico. Exige o susto de ver e sentir com realismo o que está por dentro (15).”

Chegou o momento de definir modelos de comportamento coletivo, que permitirão às civilizações de continuar a desenvolverem-se num clima de respeito mútuo, de viverem responsávelmente a evolução do mundo. Sem uma mudança radical de mentalidade não é possível optar por uma “nova cultura”. A nova cultura da sociedade tecnológica deve dar um lugar preeminente ao ser humano, e não fazer do rendimento o fim do progresso.

“Todas as obras do homem, todas as criações podem ser retratadas segundo o ângulo da ideologia” e serem interpretadas em vista das “vivências e dos interesses de um grupo, de uma classe de um movimento histórico”. Só o homem mesmo não pode ser relativizado definitivamente em termos de ideologia.”

O próprio homem precisa rejeitar o princípio que está na base da mentalidade tecnológica: o máximo de produtividade a todo o custo, uma vez que não se leva em conta os limites na-

(15) Noronha, Marcos., Consciência, Semente de Gente, Vozes, Petrópolis, 1973.

turais e humanos, aos quais deve estar subordinado todo o esforço produtivo.

A quebra do círculo vicioso inaugurado pela busca do lucro pelo lucro, uma vez realizada contribuirá para que a mentalidade tecnológica caia em si, antes que os aspectos negativos atinjam tais proporções, a ponto de tornar irrecuperável o habitat material do homem.

Poder-se-ia falar de um certo ascetismo ecológico, que exige renúncia à abundância. Igancy Sachas distinguiu duas espécies de poluição: a da riqueza ostentatória e a da indigência. A primeira se caracteriza por uma certa dissipação de recursos naturais e pela poluição que o uso dos mesmos, quer a nível de produção, quer a nível de consumo, acarreta. A segunda provém da falta do mínimo de recursos necessários para solucionar problemas elementares. Sachs nota muito bem que tanto a cultura da afluência como a da pobreza adotam freqüentemente uma atitude predatória frente ao acervo dos recursos naturais — a primeira por sua ânsia de ver crescer o consumo material; a segunda pela obrigação em que se encontra de explorar abusivamente as terras marginais e os poucos recursos de que dispõe para tirar sustento (16).

Os desequilíbrios provocados na biosfera devido à exploração desordenada das reservas físicas do planeta, até mesmo ocasionadas pelo desejo de produzir bens úteis são freqüentes: desperdício dos recursos naturais não renováveis, a poluição do solo e da água, do ar e do espaço, com conseqüentes atentados contra a vida vegetal e animal. Tudo isto constitui uma ameaça à própria sobrevivência. Um desafio é levantado para nossa geração — o de preparar para os homens de amanhã uma terra mais hospitaleira, pois não podemos apropriar-nos de modo absoluto e egoístico do ambiente que não é propriedade de ninguém, mas propriedade de todos, um patrimônio da humanidade.

Será que o “homem que é capaz de domesticar o átomo e vencer o espaço conseguirá ele enfim dominar o seu egoísmo”? O ter demais não pode ser finalidade última. Esta busca exclusiva do ter torna-se um obstáculo ao ser. Não basta promover a técnica, para se obter um aumento da produção. A tecnocracia de amanhã pode ser geradora de males.

A superação da crise ecológica exige um caminhar pelas trilhas do amor. Consciência e cultura estão pedindo ao homem de hoje uma conversão do egoísmo ao amor.

(16) Sachas, Igancy. Professor francês diz que há poluição da riqueza e também da indigência, no Jornal do Brasil de 17-7-74. Igancy Sachas é professor da Escola de Altos Estudos Práticos de Paris, e consultor do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente.

Amar a natureza, amor que se traduza em realizações concretas, pequenas mais reais. É este amor que levará o homem a não gastar sem motivo os recursos de que ele dispõe, a revalorizar os terrenos abandonados a favorecer a custos menores o uso da energia hidroelétrica que não o ar. Isto é, o esforço em elevar a produção será uma constante, mas não se ultrapassará egoisticamente certos limites além dos quais a terra tornar-se-á inabitável.

É este amor à natureza que levará as nações, os povos, as pessoas a lutarem pela proibição de explosões atômicas na atmosfera, a impedirem a construção de armas atômicas, biológicas e químicas. Haverá um critério novo para o uso e a distribuição dos recursos naturais, critério com características universais pois é só mediante uma visão global do problema que a crise ecológica poderá ser superada. Em uma palavra "amar" hoje significa redescobrirmo-nos irmãos da natureza, do mundo — aquele de hoje e o de amanhã.

A renúncia à abundância não é fácil principalmente para aqueles que estão acostumados a ela para aqueles que estão acostumados a satisfazerem imprudentemente seus desejos inumeráveis, deixando de lado qualquer cuidado essencial, seja social ou ecológico. Mas, é a renúncia que levará os homens a atingirem um equilíbrio ecológico juntamente com um justo equilíbrio da prosperidade.

Idéia esta verbalizada por Mobuto Sese Seko, presidente do Zaire, ex-Congo Belga: "Nós nos recusamos seguir cegamente o caminho dos que querem desenvolvimento e produção a qualquer custo... Quero deixar claro que devemos aceitar o conceito de desenvolvimento, mas depois de filtrá-lo pela nossa própria maneira de pensar e segundo nossos valores" (17).

Vemos jovens nações que a grandes esforços constroem um futuro melhor para suas populações procurando assimilar as aquisições positivas da civilização técnica e recusando seus excessos e seus desvios. Elas tiveram freqüentemente, que pagar um pesado tributo à degradação e ao empobrecimento do patrimônio biológico comum.

A técnica e a ciência devem criar recursos necessários à vida e não só transformar e utilizar o que dispomos. A mentalidade tecnológica precisa perceber que o mito da eficiência e do consumo não são critérios nem a medida exclusiva para medir o progresso humano.

(17) Cf. A pureza Africana, no Jornal do Brasil, 1973.

O progresso das técnicas de produção elevou o nível qualitativo dos bens produzidos, criando e difundindo uma larga rede de necessidades secundárias, sempre novas e mais refinadas com um desperdício incalculável de recursos naturais descuidando assim de satisfazer necessidades primárias de hoje e de amanhã. Urge colocar o progresso da ciência e da técnica a serviço efetivo do homem. A isto seguir-se-á a consideração de que ela não é considerada um fim em si mesma.

3. Conclusão

Além dos aspectos físicos, biológicos e econômicos a crise ecológica apresenta uma dimensão moral. Viver a todo o custo, mesmo com o sacrifício da vida e dos direitos dos outros é a expressão mais realista de uma visão egoística do problema. Esta visão sacrifica o homem ao bem estar econômico.

O ponto de partida para uma ética do meio ambiente só pode ser uma antropologia que leve em conta o homem concreto. E por levar em conta o "homem concreto" não considera o universo como um laboratório no qual o mesmo homem possa tentar tudo sem respeito nem limites.

O homem, desde o início de sua história, ocupou uma posição privilegiada no mundo e esta posição lentamente conduziu-o ao domínio do universo. Vivemos um momento histórico no qual chegou a hora do homem dominar sua dominação. Os progressos científicos os mais extraordinários, as proezas técnicas as mais esplêndidas, o crescimento econômico o mais prodigioso, se eles não são acompanhados, de um autêntico progresso social e moral, voltar-se-ão contra o homem (18).

Para a humanidade sou a hora da solidariedade, quer queiramos ou não. O VI Congresso do Clube de Roma ao apresentar o modelo Pestel — Mesarovic, parte da constatação de que o mundo de hoje já constitui um sistema integrado: qualquer modificação em um dos subsistemas que o compõem tem repercussões inevitáveis nos outros subsistemas (19).

A luta por um crescimento orgânico e diferenciado torna-se cada dia mais necessária, pois modelos quantitativos da sociedade de consumo conduziram a humanidade ao uso egoístico e indébito dos recursos naturais.

(18) Cf. O discurso de Paulo VI na Assembléa Geral da FAO, em Doc. Cath. n.º 1575, 1053-1056.

(19) Ávila, Fernando B., Um novo sistema global; VI Reunião anual do Clube de Roma, em Síntese 3/ 1975, p. 111.

Este esforço comum será uma afirmação da fé e da esperança no destino da família humana. Esta num projeto solidário, procurará junto vencer a inconsciência, o egoísmo, a ignorância para restabelecer as reais relações entre o homem e a natureza.

Na base deste projeto solidário está uma mudança de mentalidade, mudança concreta que leva a um abandono da perspectiva de ter mais para a abertura do ser mais. Uma mudança que exige um renunciar para viver.

A *Gaudium et Spes* afirma claramente estar o desenvolvimento econômico a serviço do homem: "Hoje, mais do que nunca procura-se legitimamente o aumento da produção dos bens da agricultura, da indústria assim como dos serviços para atender ao aumento da produção e para satisfazer os crescentes desejos do gênero humano. Assim, pois, tem de se fomentar o progresso técnico, o espírito de inovação, o afã de criar novas empresas produtivas; não é o mero aumento dos produtos, nem o lucro ou a ânsia de domínio, mas o serviço do homem e do homem integral, tendo em conta suas necessidades na ordem das coisas materiais e as exigências de sua vida intelectual, moral, espiritual e religiosa; dizemos do homem, de todo o indivíduo de qualquer grupo, de qualquer raça ou religião do mundo..."

A razão de ser de um aumento de produção é a pessoa humana. Portanto, o ter mais, não deve ser a meta final; o ter não deve tornar-se um obstáculo para o ser mais.

Diante de fatos que limitam, oprimem, corroem a dignidade da pessoa humana, o homem tem de tomar uma atitude de mudança. Atitude que leva a uma ação concreta. Aceitar o desafio de viver na ambigüidade e na tensão de nosso mundo, mas vivendo em constante discernimento que nos leve a uma contínua opção por uma vida mais humana, é um estar-no-mundo, que nos faz rejeitar o mundo para implicitamente propor um-novo-mundo. Se não quisermos perecer, é hora de sacudir os preconceitos e construir a terra.

A cultura e a consciência impõem ao homem de hoje uma conversão do egoísmo ao amor. "Os físicos já conseguiram a fissão do átomo, produzindo a turbulência do cogumelo da morte. Falta a fissão dos vínculos coatores do amor para explodir o cogumelo da vida" (20). Só esta segunda explosão será capaz de neutralizar a primeira, pois ela marcará o início da real solidariedade humana num mundo que se descobre uno.

(20) Burke, Thomas Joseph., *Um mundo sem dogmas*, Petrópolis, Vozes, p. 29.

B I B L I O G R A F I A

- JEAN, Dorst., *Antes que a Natureza morra — Por uma Ecologia Política?* Editora Edgard Blucher/ Universidade de São Paulo.
- AaVv., *A humanização do meio ambiente*, Simpósio do Instituto Smithsonian, Cultrix.
- WARD, Barbara e DUBOS, René., *Nous n'avons qu'une terre*, Coll Regards sur le Monde, Paris, Denoël, 1972.
- RANGEL, Paschoal., *Resenha de Revistas — Para uma teologia Poluição*, em *Atualização 1971/22* p. 459-465.
- CHAGAS, Carlos., *Poluição a ameaça maior* em *Caderno Especial do Jornal do Brasil*, 30-8-71.
- BONÉ, Edouard., *La conference des Nations Unies sur l'environnement, Stockholm*, Juin 1972 na *Rev Théol Louv* 3 (1972) 492-495.
- SORGE, Bartholomeo., *La crisi ecologica. Un problema di coscienza e di cultura* em, "La Civiltà Cattolica" vol. IV, ano 121/ 1970/2891, p. 417-426.
- RUSSO, F., *L'umomo e la natura* em "La Civiltà Cattolica" vol. III, ano 122, 1971/2906, p. 130-142.
- ARSÈNE — Henry, Xavier., *Urbanisme et Politique* em *Études*, mars 1971, p. 349-371.
- Discursos de Paulo VI
À Assemblée Générale de la FAO (16-12-1970) em *Doc. Cath*, no 1575, p. 1053.
À l'Institut International d'Études Juridiques (27-3-1971) em *Doc. Cath.* no 1584, p. 355.
A Igreja e a defesa do ambiente, em, *Sedoc* agosto 1972, no 51, Vol 5, Col 159-172.
A Igreja e a defesa da natureza em, *Sedoc*, agosto 1972, n.º 51, Vol 5, Col 157-159.
- AaVv., *Poluição*, em *Revista Mensal de Cultura "Problemas Brasileiros"* ano XI, n.º 123, novembro, 1973.
- AaVv., *Sahel. Um êxodo sem retorno?* em "O Correlô", ano 3, n.º 6, junho 1975.